

JOÃO ROSSI



"América, caminho de um tempo perdido" - 1992 - técnica mista sobre compensado.

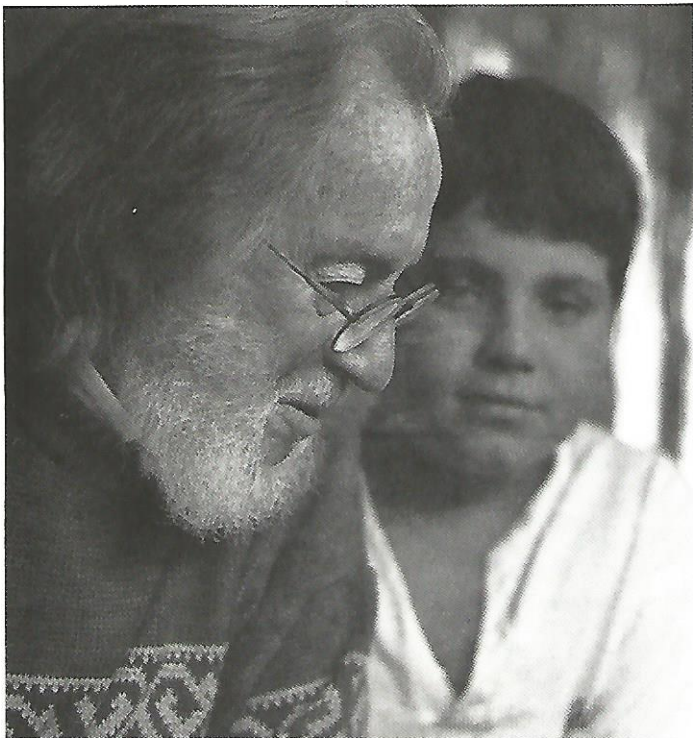
## e a arte moderna no Paraguai

Galeria Marta Traba de Arte Latino-Americana

Av. Auro Soares de Moura Andrade, 664  
Metrô Barra Funda - Portão 5



De 16 de junho a 18 de julho de 1999



Quando João Rossi (1923), jovem artista brasileiro, chega em Assunção em 1950, procedente de Montevidéo, está atuando, muito provavelmente sem pretendê-lo, como um elemento desencadeante de forças apenas contidas. Rossi nem veio especificamente para desenvolver programas relacionados com atividades plásticas, e sim, contratado pela Associação Cristã de Jovens para organizar a filial desta instituição no Paraguai e atuar como professor de educação física. Além disso, em 1950, a pintura não era sua atividade principal: inicialmente havia sido jornalista, poeta, contador, desenhista de móveis e professor de ginásio.

Como artista, foi essencialmente autodidata e começou com desenho humorístico e publicitário. A importância que teve em Assunção não se deveu, então, à excepcional carreira artística que viria impactar o meio, e sim à sua oportuna inserção no mesmo (que marcou, por sua vez, sua posterior formação).

“Da perfeita adaptação do homem à circunstância, surge a chispa”, disse Josefina Plá, referindo-se a este caso. E Rossi reconhece hoje que seu trabalho foi fortemente motivado pelas inquietudes da juventude e o panorama “desolador” do magistério acadêmico.

Rossi realizou uma exposição de aquarelas, organizou cursinhos e conferências, mostrou filmes, fotografias, catálogos e trouxe livros. O jovem professor paulista não tinha uma sofisticada formação teórica mas sim um conhecimento claro dos princípios da nova visão estética. Isso era exatamente o que as circunstâncias requeriam. Além do mais, sua experiência resultou sumamente útil para os jovens pintores e, a partir daí, foi capaz de absorver as fundamentais formas de “modernidade” que se constituiriam nas grandes respostas às interrogações básicas da época.

A obra de Rossi, em efeito, encontra-se num ponto chave e lhe permite recolher as tendências centrais que configurarão a nova arte paraguaia: por um lado, o dramatismo dos expressionistas brasileiros formados, em parte, no norte europeu mas com uma firme posição americanista e definida admiração pelo muralismo mexicano; por outro, o rioplatense se empenhou de severidade formal e de ordem construtiva. Rossi se nutre tanto de Di Cavalcanti, Portinari e Tarsila do Amaral no Brasil, como dos rigorosos princípios da escola de Torres Garcia, com a qual teve estreito contato em Montevidéo. Klintowitz sintetiza hoje a obra de Rossi em dois conceitos: construção e expressionismo (Klintowitz, 1982). Provavelmente os mesmos, ainda em forma vacilante e potencial, tenham estado presentes em seu trabalho naquele momento.

*Tício Escobar* -  
curador e crítico de arte

João Rossi - pintor, ceramista, pesquisador visual e muralista - nasceu em São Paulo em 24 de dezembro de 1923. Rossi é um velho conhecido de Assunção, onde esteve há cerca de 20 anos, sendo, possivelmente, o primeiro artista brasileiro que ensinou arte no Paraguai, uma vez que foi um dos fundadores do “Centro de Artistas Plásticos do Paraguai”, na década de 50.

Sempre em Assunção, Rossi proferiu uma série de conferências e aulas abordando, pela primeira vez em nosso ambiente, as inquietudes das novas correntes artísticas internacionais, e foi à luz dessa iniciativa que se formou o grupo artístico de “Arte Nova”, que deu início ao Movimento de Arte Moderna no Paraguai.

Homem e artista interessado nas múltiplas formas da arte e da comunicação visual, Rossi, espírito inquieto e versátil, se dedicou à cerâmica, à pintura, à gravação, ao desenho e, de forma especial, às disciplinas relacionadas com os problemas da comunicação visual, assim como também realizou ensaios técnico-científicos sobre minerais para a cerâmica - matéria na qual se especializou - para o Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo.

Em sua multiforme atividade, João Rossi divulgou e batalhou pela arte em Assunção, no Uruguai e no Brasil, por meio de conferências e palestras, ensinando, divulgando e praticando arte, dentro de sua natural tendência de entusiasta proselitista e divulgador da arte e de seus aspectos ligados à comunicação visual.

Dentre as numerosas obras de sua ocupação artística, destacam-se os murais realizados para o Palácio dos Bandeirantes, residência oficial do Governador de São Paulo, e para um grande estacionamento público da mesma cidade, além de trabalhos similares em residências.

Na IV Bienal de São Paulo, expôs objetos tridimensionais, e o fez também em outras cidades do Brasil, em Montevideo, Buenos Aires, Assunção e Estados Unidos.

Ultimamente tem se dedicado a investigações sobre as técnicas de comunicação de massas.

Nesta exposição, João Rossi apresenta trabalhos e objetos “polimatéricos”, ou seja, de materiais diversos e foto-montagens sobre comunicação de massas.



“São Paulo” - 1997 - Técnica mista sobre tela

Assunção, julho de 1975

*Livio Abramo*

É para mim uma honra e um grande prazer ver realizada mais uma exposição de João Rossi.

Como grande admirador de seu trabalho, acho importante que o público brasileiro possa ter a oportunidade de ver as obras desse artista que começou sua carreira no Paraguai, veio para o Brasil, e hoje é sucesso em toda a América Latina.

João Rossi, expressionista, sabe como ninguém mostrar nas suas gravuras, aquarelas e esculturas seu abstracionismo, e das maneiras mais diversas. Por vezes parece um sonho, mas sempre com o elemento humano presente em toda sua profundidade.

João Rossi coloca no seu trabalho sua força, suas emoções, suas experiências.

Como admirador e amigo de tantos anos do artista, só posso desejar ao público que aproveite a oportunidade de vê-lo.

*Jens Olesen  
Primeiro Vice-Presidente  
Fundação Bienal*



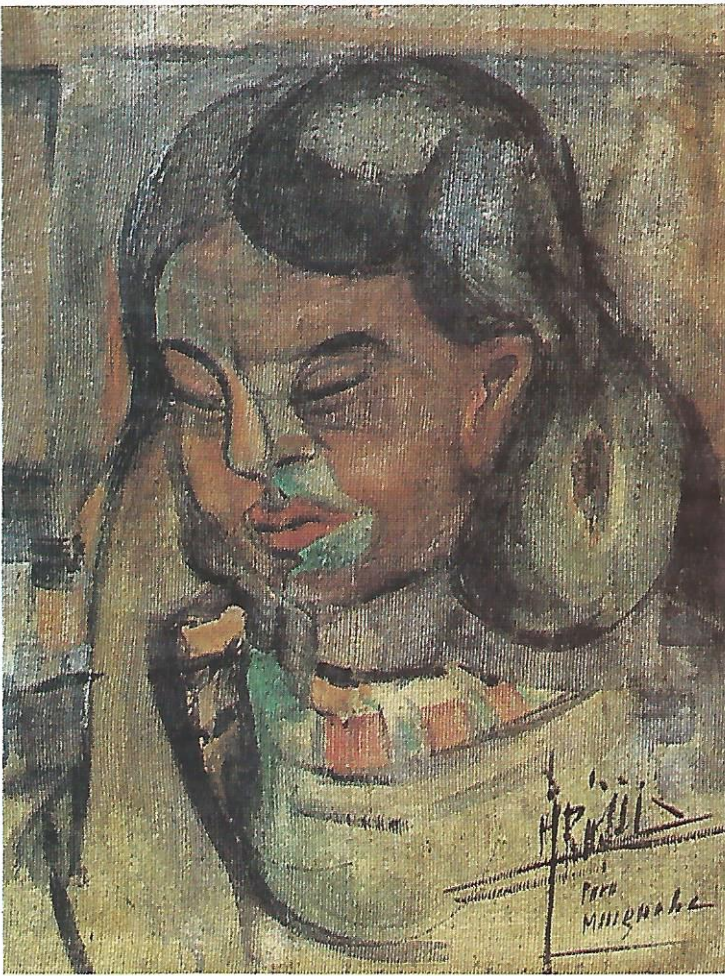
“São Paulo” sem data (década de 80) - óleo sobre tela

## João Rossi, artista e professor

Muitas vezes me pergunto o que teria acontecido com a arte paraguaia se, em 1950, João Rossi não tivesse vindo a Assunção para ocupar o cargo de secretário da Associação Cristã de Jovens.

Nunca poderei dar uma resposta certa a essa incógnita mas estou segura de que tudo seria diferente, que as mudanças que se produziram, caso se produzissem, teriam acontecido muito mais tarde. Que os artistas que surgiriam seriam outros, não sabemos se melhores ou piores. Que a “sede de saber” que se estava criando no mundo - e que havia nascido há princípios do século - continuaria dormida... Que nada teria sido como foi...

Rossi desempenhou um papel muito importante no desenvolvimento da arte paraguaia porque nos ensinou a ver, a “ler” a obra de arte, além de guiar-nos na forma em que se toma o lápis para traçar a linha que necessitamos, de mostrar-nos como escolher o pincel e como usá-lo para conseguir a textura que desejamos. Nos fez descobrir e gostar do cubismo. E saber



“Mangacha” - 1954 - óleo sobre tela - Coleção Isabel Olmedo

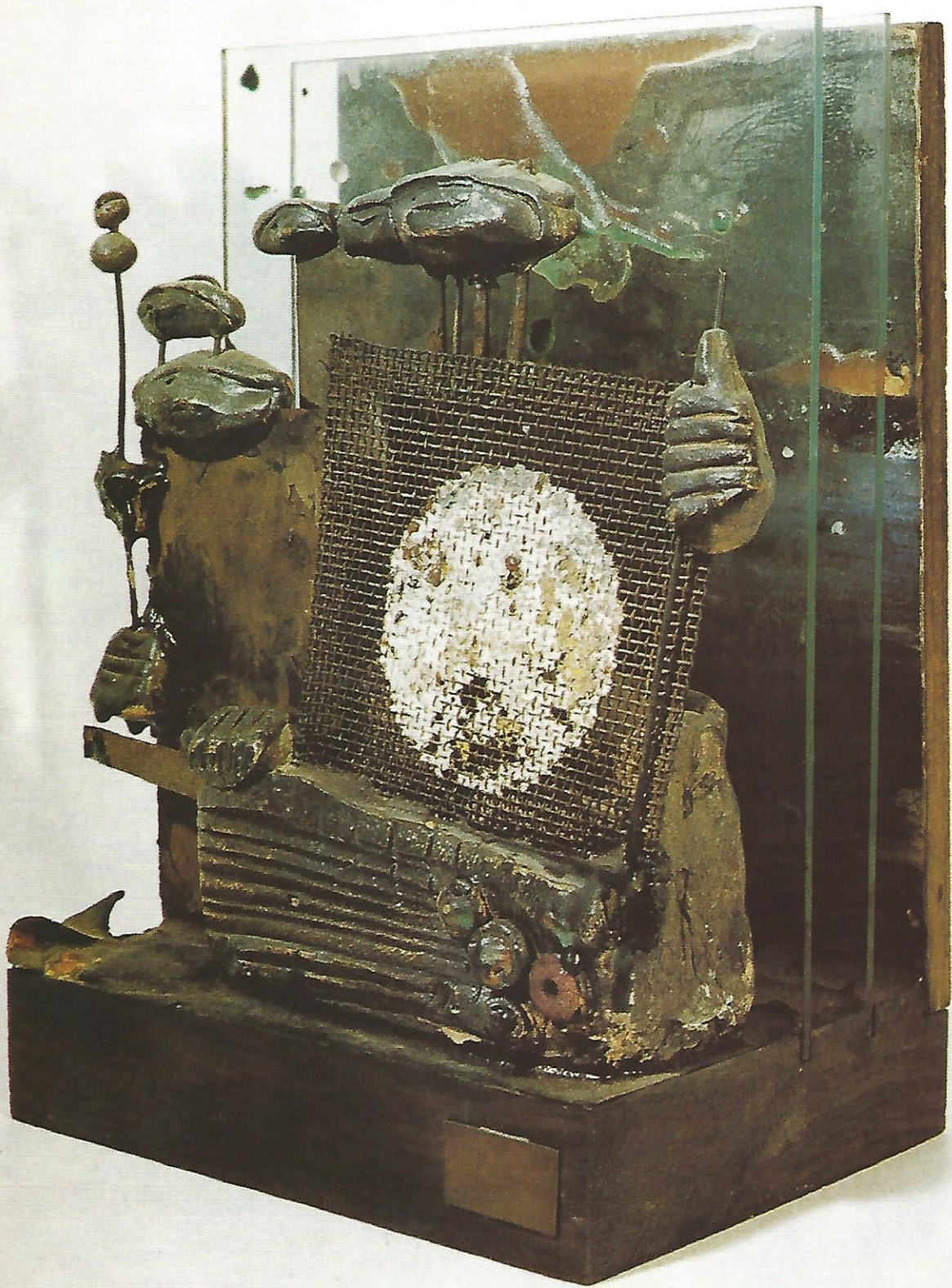
diferenciar um quadro impressionista de um expressionista. Foi Rossi quem nos mostrou e nos falou da arte abstrata, fazendo-nos entender que a abstração não mata a figuração, mas que oferece outras possibilidades à expressão, enriquecendo-a, e, mais que tudo isso, mostrou-nos sua obra, na qual o que dizia em palavras podia ver-se em cores.

É importante recordar também o curso sobre “Apreciação da Arte Pictórica”, que realizou na Associação Cristã de Jovens, a que assistiam não só os que estudavam com ele em suas oficinas, mas também um público heterogêneo que ouvia, muitas vezes pela primeira vez, os nomes de artistas mundialmente consagrados e de estilos de arte que, às vezes, já haviam passado, mas que para o público assunceno eram desconhecidos.

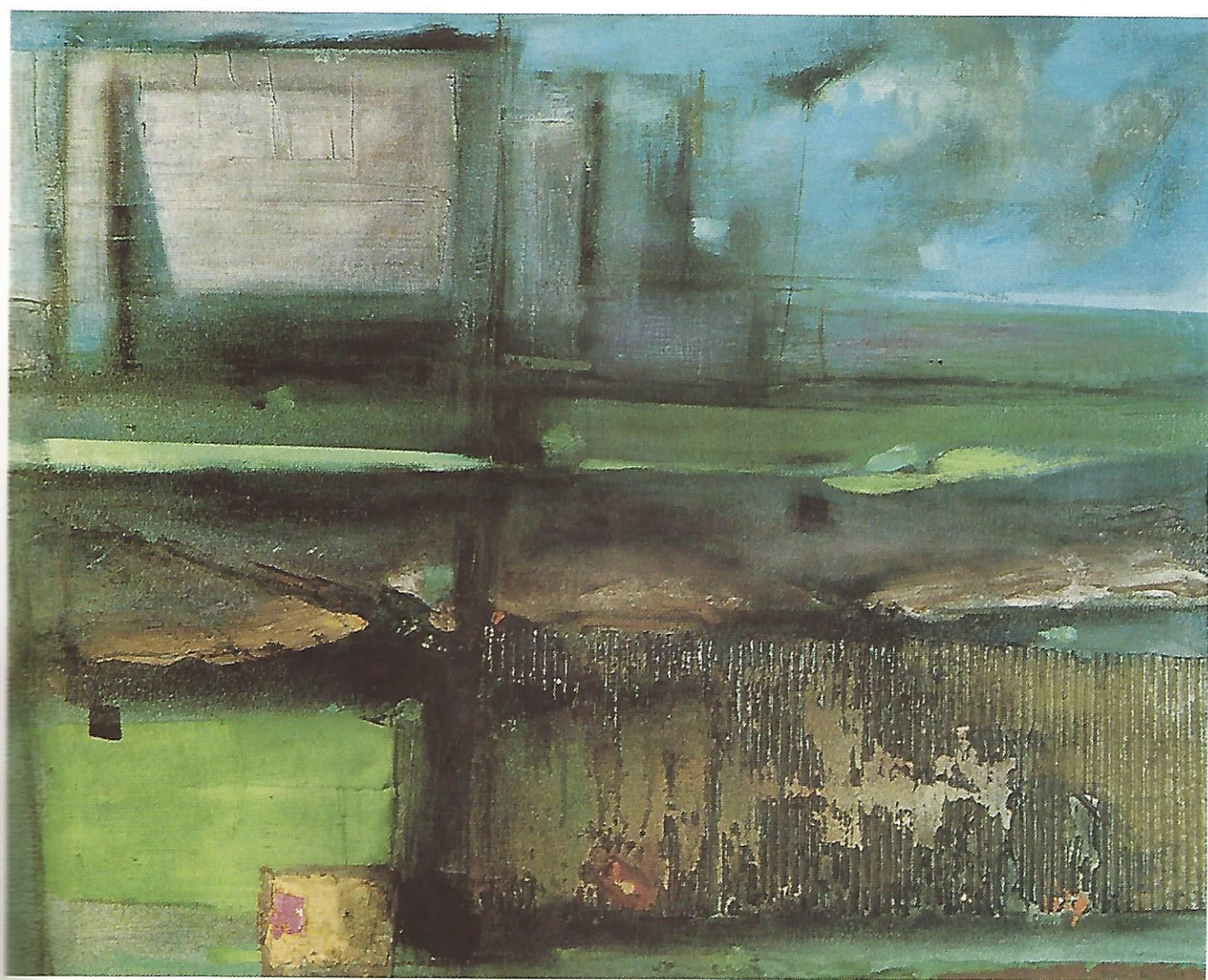
Nós que tivemos a sorte de estar junto dele, de assistir suas aulas e oficinas, pudemos dar o salto que a arte paraguaia necessitava e que se concretizou na formação do Grupo Arte Nova do qual Josefina Plá, recentemente falecida, e João Rossi foram guias e líderes.

Assunção, março de 1999

*Olga Blinder - artista plástica*



"As ameríndias" - sem data - objeto polimático



“Represa” - 1997 - técnica mista sobre tela

“... João Rossi foi, em toda a sua longa carreira artística, um pintor da cidade de São Paulo. A sua obra de paisagista urbano só pode ser comparada com as de Aldo Bonadeo e Manuel Martins, na Escola Paulista. Distingue-se dos outros grandes paisagistas paulistanos pela captação de aspectos de São Paulo megalópole, enquanto Bonadei pintou sobretudo a velha Bela Vista e Manuel Martins, certos aspectos de maior calor humano.

Rossi soube apreender a beleza dura dos prédios e das ruas, a sombra dos arranha-céus e o resplendor das grandes vias de comunicação, descobrindo a sua luz especial e a sua melancolia contemporânea. Com o seu talento de pesquisador, pôde sempre encontrar a técnica adequada. Em certas fases adaptou de modo surpreendente antigas técnicas pouco conhecidas da pintura da Renascença, noutras, criou técnicas pessoais avançadas, como nas suas paisagens em planos múltiplos.”

*Mario Schenberg*

Quem sabe alguns, dentre as nossas novas gerações de artistas plásticos, não conheçam a João Rossi, pintor e gravador brasileiro, hoje presente nessa Galeria. Mas aqueles que, conscientes, atentos ao processo de que tomam parte, reconhecem a continuidade - na ação ou na paixão, por meio da aquiescência ou da rebeldia - de toda a atividade cultural vinculada ao processo histórico transcendente, têm conhecimento do papel desempenhado pelo Grupo da Arte Nova, lembrando também, já que não ao juvenil e vivaz João Rossi, e sim ao sazonado em anos e obras, em algumas de suas posteriores e interessantes presenças em nosso meio.

Jovem em afeto, quem sabe o mais jovem entre os do célebre grupo (excetuando-se o adolescente Carlos Colombino, chegando mais tarde como ícone da nova geração), entre nós há mais de quarenta anos, trazendo uma sólida bagagem iniciática no trabalho plástico e um entusiasmo do qual sua vida toda é paradigma. Chegou ao Paraguai sem propaganda alguma, para figurar na Associação Cristã de Jovens, como professor.

Para João Rossi, a consciência de um querer fazer arte, de um poder sobre a expressão, eram o equivalente de um compromisso a uma resposta pessoal, ligada à que cada geração leva consigo como justificação honrada deste saber e poder juvenis.

São os dias em que o Grupo de Arte Nova, cavalgando no fio do meio século e enfrentando o compromisso da arte plástica como vértice de impulsos espirituais, com o intuito de estar no mundo com um objetivo, formula sua declaração de princípios, não só teoricamente mas também laborando, produzindo, arriscando-se.

Superados os moldes em que a arte plástica local esteve vertendo a fisionomia do momento histórico - quer dizer, humano -, esboçava-se a necessidade de uma revisão, de um novo alfabeto formal, que traduzisse, fidedigno, o momento que se vivia. Os representantes desta reivindicação são constituídos de três mulheres e um rapaz. Esses quatro logo estarão rodeados por um grupo numeroso que, contagiado da mesma ansiedade, encontra nessa rebelião dos quatro a possibilidade de buscar uma resposta à insatisfação não formulada, unindo-se a eles inclusive artistas “maduros”, sinceros, dignos de respeito. E o Grupo Arte Nova, acrescido e enriquecido, segue sua trajetória.

Mas João Rossi foi algo mais que um aderente entusiasta, um “curioso” ou um seguidor brilhante. Foi um animador, um expositor consciente de princípios; um companheiro simples e valioso, humaníssimo, tanto na frente como em qualquer ocasião. E ainda que não se demorou muitos anos no país, pertence-lhe parte idônea na consciência dessa “arte nova”, que, em 1954, realizava em Buenos Aires a primeira exposição no exterior desde 1938, que nesse mesmo ano obteve já o reconhecimento de valores na IV Bienal de São Paulo, com o prêmio adjudicado a dois dos membros do grupo, que deste então não deixa de atuar.

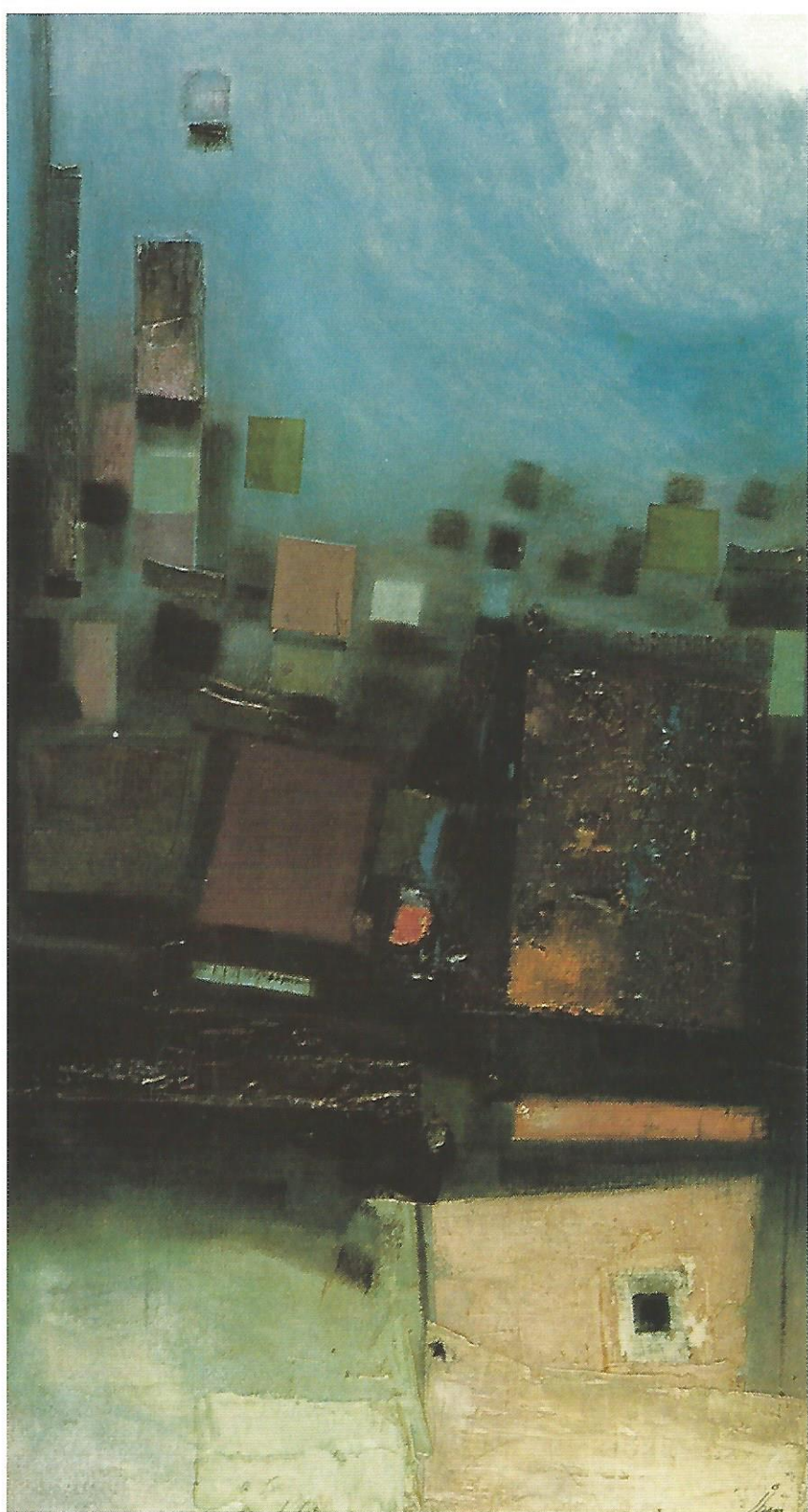
João Rossi fincou mais fundo suas raízes nesta terra ao contrair enlace com uma paraguaia. Sem dúvida, trabalhou mais adiante em seu país. Não que esquecesse do nosso, recordou-o sempre com sincero carinho: duas vezes mais nos visitou, nestas quatro décadas. Seu tempo não deu para fazer mais, sempre envolvido por um trabalho tenaz.



O pintor dos anos juvenis, já em seu país, deu lugar, pouco a pouco, ao gravador. E desde então João Rossi é por excelência isso: Gravador e Professor nesta disciplina. Como tal, tem sido reconhecido no Brasil, país de excelência nessa arte, e com o qual, por sua vez, se vincula ao renascimento local desta modalidade que, como atividade moderna, se iniciou no Paraguai com a obra de Julián de la Herrería (prêmio na Exposição Internacional Européia, em 1912), e que cobra um novo impulso em épocas recentes com a atuação, durante 35 anos, de outro brasileiro, o maestro Lívio Abramo.

Rossi não resiste à tentação de voltar: “se regressa sempre ao amor antigo”. E o país, tanto em suas gerações maduras, quanto nas jovens, dá-lhe as boas-vindas: a ele e à sua obra. Esta nos traz uma coroação de sua vida e de seu trabalho, e a segurança de falar nela como algo diferente, algo que marca um passo adiante nessa formulação de símbolos a desentranhar, que é a arte, conforme próprio lema do autêntico artista: “sempre ele mesmo, mas sempre melhor”.

*Josefina Plá* -  
artista plástica e escritora



“Represa” - 1997 - técnica mista sobre tela

Homenagens:

Ao físico, crítico e amigo Mario Schenberg  
À artista, escritora e amiga Josefina Plá

Agradecimentos:

Aos amigos e entusiastas das artes:  
Jens Olesen, Cristiano Cok e Fernando H. Silva

Fotografias:

Paula Fisch



Patrocínio

McCANN-ERICKSON

ENGEVIX

Apoio cultural:

